

BRUXARIA E FEMINISMO

UMA ANÁLISE DA INDEPENDÊNCIA DA MULHER ATRAVÉS DOS SERIADOS DA TV

Bruno César Ferreira Vieira (UERJ – CNPq)

Sempre rondou em minha mente as seguintes questões sobre bruxas: Por que as bruxas de Salem permitiram ser executadas? Porque elas simplesmente não pegaram suas vassouras e voaram para escapar de seus algozes? O que eu não sabia até então é que a bruxaria, na verdade, estava além de poções e encantamentos, ela era em essência um movimento para as mulheres obterem seus conhecimentos.

A fim de analisar a luta das mulheres pela liberdade, decidi valer-me de três elementos que envolvem bruxaria: A caça as bruxas que realmente consta na História do mundo real; o seriado de tv “*A feiticeira*” da década de 60; e o atual seriado também sobre bruxas “*Charmed*”.

A maioria das idéias que temos em torno da figura da bruxa foram produzidas no passado e estão repletas de preconceitos e estereótipos, por isso quando pedimos para alguém imaginar um bruxa há uma grande probabilidade de que a figura imaginada seja, primeiramente, de uma mulher, velha, cansada, solteira, de cabelos brancos, com uma verruga no nariz e possuidora de uma risada assombrosa. Essa representação da figura da bruxa que imaginamos pode ser confirmada ao buscarmos uma definição do termo “bruxa” em dicionários, logo pode-se perceber a direta associação com uma figura maléfica, feia e perigosa. Neste sentido, também os livros infanto-juvenis costumam descrever histórias onde existe uma fada boa e bela, por vezes loira, e uma bruxa má e feia.

Os instrumentos utilizados pelas bruxas eram: o átame, varinha mágica, caldeirão, um altar, vassoura, incensos, bola de cristal, etc. A respeito de sua moradia, com certeza imaginaríamos a casa em um lugar escuro e frio, provavelmente iluminada por velas de diferentes cores, com armários cheios de ervas, asas de morcegos, olhos de lagartixa e pó mágico. A vida da bruxa foi sempre representada como uma grande bagunça. As bruxas eram mostradas como solteiras, a elas era associada a negação ao casamento, primeiro pela condição de bruxa, depois por serem retratadas como feias. A mulher que dedicava seu tempo à bruxaria (ou seja, conhecimento) era dado o fardo de ser indigna de casar-se. Tal atitude lembra pensamentos machistas ainda presente nos tempos atuais, que acreditam que mulheres que possuam carreiras brilhantes e ocupam posições empresariais antes dominadas pelos homens são indignas de um casamento. De acordo com a feminista Irigaray, nenhum lugar na História foi designado para as mulheres, elas acabavam por existirem na História através de metonímias, como possibilidade para os homens (Irigaray, 1993). As mulheres apareceram como representações exteriores de alguma coisa: monumentos de Justiça, Liberdade, Paz ou como objetos de desejos do homem. “A atitude em relação ao “segundo sexo” sempre foi muito contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade (Delumeau, 310, 1989)”.

O estereótipo das bruxas era caracterizado, como dito anteriormente, por mulheres de aparência desagradável, com alguma marca de nascença no corpo ou com alguma

deficiência física, idosas, mentalmente perturbadas, mas também por mulheres bonitas que haviam ferido o ego de homens poderosos ou que despertavam desejos em padres celibatários ou homens casados. De tal forma, tornar a mulher uma bruxa foi o modo mais fácil de fazer da mulher um monstro, ou seja, aquilo que está a margem do que era considerado o centro.

Porque mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder de não só profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas (Delumeau, 311, 1989).

De acordo com as leis da bruxaria, não podemos considerar qualquer feitiço bom ou mal. Esta idéia de bom ou mal depende da intenção da pessoa que prepara o feitiço. Logo, a criação de algo além do bem e do mal permitiria as mulheres a atuação em um largo campo científico, mesmo que ainda muito restrito pelas idéias religiosas. Toda uma hierarquia de um sistema patriarcal estaria ameaçado por esse avançado feminino. Qual seria a única maneira de parar esse avanço? A caça as bruxas! A caça as bruxas durou por aproximadamente três séculos, começando em 1450 e terminando em 1750 com a ascensão do Iluminismo.

Em certas épocas de nosso tempo, alguns grupos foram transformados em monstros por propósitos políticos. As bruxas não surgiram espontaneamente, mas foram fruto de uma campanha de terror realizada pela classe dominante. Poucas dessas mulheres realmente pertenciam à bruxaria, porém, criou-se uma histeria generalizada na população, de forma que muitas das mulheres acusadas passavam a acreditar que eram mesmo bruxas e que possuíam um “pacto com o demônio”.

Quando voltamos nossos olhos ao contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas poderiam ser as parteiras, as enfermeiras e as suas assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Elas eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas carentes financeiramente. Elas foram por um longo período médicas sem diploma. Aprendiam o ofício umas com as outras nas vigílias das igrejas e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas. Martín-Barbero ressalta:

Eram as mulheres que presidiam as vigílias, as reuniões das comunidades aldeãs ao cair da tarde, nas quais se conservaram alguns modos tradicionais de transmissão cultural. Vigílias em que, junto ao relato de contos de terror e de bandidos, faz-se a crônica dos sucessos das aldeias, transmite-se uma moral de provérbios e partilham-se receitas medicinais que reúnem um saber sobre as plantas e o ciclo dos astros. A bruxa representa, junto com os levantes, segundo Michelet, um dos modos de expressão fundamentais da consciência popular (139, 2006).

Na verdade, essas mulheres consideradas bruxas não estavam usando poderes sobrenaturais para fazer suas poções, o que muitos viam como a prática de bruxaria, na verdade, eram os primórdios do que hoje conhecemos como aromaterapia, fitoterapia e farmacologia doméstica. Afinal de contas, quem nunca foi curado de um resfriado com aquele chazinho que só a nossa avó sabia fazer? Para essas mulheres, a criação de tais “poções” não era um mero aspecto de colocar todos os ingredientes juntos, seguir as instruções e esperar o resultado. Essas mulheres estavam também, mesmo que inconscientemente, testando suas “poções”, elas tinham tempo para pensar/estudar e adquirir conhecimento com seus erros e acertos. Em outras palavras, dentro de uma visão patriarcal, era muito conhecimento para um mulher. Além dessa possível ameaça ao campo da ordem simbólica, o fato dessa mulheres usarem seus conhecimentos para a erradicação de epidemias que porventura ocorriam em seus povoados, despertou a ira da instituição médica masculina em ascensão, que viu na Inquisição uma maneira de eliminar suas concorrentes. Infelizmente, muito sobre medicina natural que poderia salvar vidas nos dias atuais foi destruído quando essas mulheres foram queimadas nas fogueiras ou enforcadas. Percebo que não somente os corpos foram ali queimados, mas também seus manuscritos, ervas, poções, e seus conhecimentos anotados.

No fim do século 15, mais exatamente em 1484, foi publicado, por dois inquisidores, *Malleus Maleficarum*, cuja tradução seria “*O martelo das bruxas*”. Esse livro era um documento fascinante, pois enquanto alegava descrever em riqueza detalhes (picantes e medonhos) de como identificar uma bruxa, ele, na verdade, criou uma mitologia em torno da sexualidade feminina devido aos tipos de exames sexuais aos quais as mulheres tidas como bruxas eram submetidas e ao desconhecimento que o homem tinha em relação ao corpo feminino. Na leitura de *Malleus Maleficarum*, vemos nas entrelinhas o medo do poder da sexualidade feminina, tendo como alternativa para controlar essa possível ameaça de medo a criação das bruxas.

Ao meu ver, o feminismo serve como uma ponte que nos leva aos séculos passados e nos permite trazer de volta a verdadeira imagem das bruxas na nossa história, analisando essas mulheres cruelmente injustiçadas nos aspectos religiosos, sociais e políticos. Percebe-se que as bruxas, fazendo uso dos seus conhecimentos medicinais, astrológicos ou psicológicos, exerciam um contra-poder, enfrentando o patriarcado.

Pulando para a década de 60, *A Feiticeira* era um seriado de televisão que mostrava a vida de uma bruxa e como ela tentava levar uma vida “normal” (sem bruxaria) com sua família de classe média totalmente inserida no *American Dream*. Samantha nasceu bruxa, mas apaixonou-se por um mortal, Darrin Stephens. Darrin amava Samantha, mas não aceitava a natureza dela, na maior parte do tempo ele reprimia Samantha de utilizar seus poderes. O que era muito comum na década anterior a 60, onde o ideal da mulher era ficar em casa e o marido trabalhar, estudar e sair com os amigos para jogar. Lembremo-nos da abertura do seriado, onde víamos Samantha voando numa vassoura e pousando diretamente na cozinha, nos levando a crer que a trajetória para tornar-se uma mulher normal deveria ser: sair da bruxaria e ficar na cozinha. Porém Samantha não era uma bruxa fácil de ser levada a forca, muito menos os idealizadores do seriado pareciam querer essa visão para a bruxa que conquistou os E.U.A e foi responsável por um dos grandes sucessos televisivos.

É importante lembrar a ousadia do seriado na década de 60, sendo “*A feiticeira*” o primeiro seriado de televisão a mostrar um casal divorciado: Endora e Maurice, os pais de

Samantha. Como também foi o primeiro seriado a mostrar o casal Samanta e Darren de pijamas deitados na cama em sua lua-de-mel insinuando o momento pós-ato sexual. Não somente por esses detalhes, mas por outros que veremos a seguir, acredito que este seriado possui uma forte carga feminista, associado ao humor e por isso contribui muito para o pensar da “mulher-bruxa” que ressurgia a partir da década de 60.

Endora era a mãe de Samantha, interpretada como uma bruxa velha, sempre retratada muito próximo às representações físicas que nos foram passadas a respeito das bruxas de antigamente. Embora vivendo na década de 60, Endora era muito orgulhosa de sua natureza de bruxa e era extremamente ligada a seus poderes e respeito aos ancestrais. Endora não aprovava o casamento de Samantha com Darrin e constantemente estimulava Samantha a utilizar seus poderes. Para Darrin, Endora não se encaixava na nova imagem do mundo que esboçava a razão, um mundo vertical, uniforme e centralizado. O que nos leva a entender que a bruxa sintetiza para os clérigos e os juízes civis, para os homens ricos e os cultos, o mundo que é preciso abolir, porque é um mundo descentrado, horizontal e ambivalente, principalmente porque o saber mágico – astrológico, medicinal, fitoterápico ou psicológico – permeia completamente o conceito popular do mundo.

Não é uma mera atividade ou um sentimento; é uma certa “qualidade da vida e da morte”, um imaginário corporal que privilegia as “regiões baixas”, ao mesmo tempo como lugar do gozo e dos signos, dos tabus. Um saber possuído e transmitido quase exclusivamente por mulheres: mais de 70% por cento dos acusados, torturados e justificados por bruxaria eram mulheres. Está por se estudar, sem preconceitos que misturam machismo com racionalismo, o papel que as mulheres tem desempenhado na transmissão da memória popular, sua obstinada recusa durante séculos da religião e da cultura oficiais (Martín-Barbero, 138-139, 2006).

Samantha raramente produzia poções, os poderes estavam dentro dela, ela apenas precisava dizer o encantamento ou mover seu nariz. Era o início da mulher-bruxa deixar que o conhecimento viesse de dentro, eram os manuscritos e poções queimados outrora na fogueira que agora eram parte da essência dela. Nada nem ninguém poderia retirá-los dela, seu destino agora era traçado por si e seus conhecimentos deveriam ser usados como bem entendesse.

Samantha era a metáfora da opressão vivida pela mulher. O seu marido não permitia que ela utilizasse seus poderes mágicos e colocava isto como condição para a manutenção do casamento, em outras palavras, o casamento não era mantido por um amor e sim por uma condição. Se Samantha utilizasse seus poderes para varrer a casa Darrin dava a ela um aspirador de pó e dizia a ela que tudo que precisasse em relação ao lar já havia sido inventado, e que ela deveria utilizá-lo para poder fazer parte de uma vida normal, uma vida sem poderes. Nem um toque de mágica era permitido para preparar o jantar, nem mesmo os especiais, quando Darrin trazia de surpresa os amigos do trabalho. O que percebo é que Darrin costumava negar a identidade de Samantha, embora ele tenha casado com ela sabendo que ela era uma bruxa, ou melhor, descoberto na lua de mel, o que de todo o caso se fosse um incômodo para ele, haveria a possibilidade da anulação do casamento. E não

era porque ele não amava Samantha, ele amava sim, ele apenas reproduzia involuntariamente a idéia de opressão do sistema patriarcal e de como uma família ideal deveria viver dentro do *American Dream*. Darrin Stephens podia sair, encontrar com os amigos, ter um emprego e estava sempre almejando uma posição maior na empresa, um cargo de chefia. Samantha tinha que ficar em casa preparando o jantar e fazendo os serviços domésticos. Vale ressaltar que os patrocinadores do programa eram uma indústria alimentícia e outra de carros, logicamente Samantha estava sempre na cozinha e Darrin sempre trabalhando em uma propaganda sobre carros. E então, em um passe de mágica, ela passou de Samantha para Senhora Stephens.

Samantha era retratada como a esposa ideal, que tomava conta da casa, sempre bem vestida, que esperava o marido no fim do dia com um copo de *martini* na mão para ofertá-lo e era sempre muito gentil com os outros. Ela praticava suas bruxarias escondida, como as bruxas do passado também o faziam. Entretanto, Samantha ainda não havia despertado para a verdade de que todos aqueles feitiços, poções e conhecimento estavam dentro dela, ela era em essência tudo isso, ela era uma bruxa. O conhecimento queimado na fogueira retorna agora em sua mente. Infelizmente, toda vez que Samantha utilizava seus poderes ela ficava enroscada em alguma confusão, que mais tarde era descoberta pelo seu marido, que logicamente a censurava por não se comportar como uma mulher mortal normal. No fim do episódio tudo terminava bem e era mostrado para Samantha que utilizar seu conhecimento em mágica não era a decisão correta, ela deveria estar no lugar onde a maioria das mulheres normais estava, no lugar estabelecido pelo sistema patriarcal.

No momento em que a confusão era desfeita, a fina linha que separava a mensagem feminista do seriado e o seu teor de comédia saltava aos olhos dos telespectadores. Samantha na verdade, não estava presente naquela família como a bruxa dos séculos anteriores que traziam maldições ou confusões para aqueles ao seu redor. Samantha usava sua magia para na maioria das vezes ajudar a Darrin a solucionar seus problemas no trabalho. Poucas vezes vimos no seriado Samantha usar a magia para benefício próprio. O que alguns poderiam ver como submissão de Samantha, prefiro ver como um grande exemplo feminista de como a mulher e o homem podem andar lado a lado, cada um com seu saber, sempre unidos em prol de uma vitória na qual ambos podem sair vitoriosos. Questiono essa visão de que Samantha era submissa, acredito que na verdade, Samantha deixava-se parecer submissa para poder atuar no campo da ordem simbólica de uma maneira muito sutil e harmoniosa para com as pessoas que a rodeavam, sem mostrar que seu conhecimento de bruxaria poderia ser uma ameaça ao lar.

Em 7 de Outubro de 1998, *Charmed* surgiu na TV. Numa sinopse rápida, temos: Em Los Angeles, três irmãs Halliwell diferentes entre si, estão reunidas no grandioso lar vitoriano de sua infância: Prue, a mais velha, é bem sucedida e desaprova as atitudes de total liberdade da irmã mais nova, Phoebe, e Piper, a irmã do meio, mediará os conflitos entre suas irmãs. Phoebe descobre *O Livro das Sombras* no sótão e seus poderes são ativados, dando início a um vínculo entre elas maior que as diferenças individuais. Prue tem o poder de mover objetos, Piper de congelar o tempo e Phoebe de ver o futuro. As irmãs unem-se na batalha para derrotar as forças obscuras do mundo sobrenatural. Manter em segredo seus poderes será um desafio.

O episódio piloto abre a cena em uma noite chuvosa onde o telespectador é apresentado a bruxaria como uma prática extremamente feminina. Diferente de A

Feiticeira, *Charmed* retorna com a idéia de velas, poções e ervas, mas desta vez em um ambiente mais colorido e limpo. A figura das três bruxas de longe lembra as do passado. Agora são mulheres lindas e independentes que usam seu conhecimento em bruxaria como uma maneira de emanciparem-se e lutarem contra o sistema patriarcal. *Charmed* sai um pouco da temática feminista presente na *A feiticeira* e aprofunda a questão da sexualidade das bruxas. A questão do relacionamento afetivo entre uma bruxa e um mortal, principalmente no campo sexual, parece ser um tema constante. A velha idéia de que as bruxas não eram dignas de casamento fez-se presente nas sete temporadas já exibidas do seriado. A maioria dos homens no seriado são bruxos que querem destruí-las e estão interessados nos seus conhecimentos sobre o sobrenatural ou no livro das Sombras que contém todos os encantamentos registrados desde o início da linhagem das bruxas Halliwell em Salem.

As três bruxas modernas descobrem sobre seus poderes através de uma tábua dos espíritos (conhecida no meio Wicca como Tábua Ouja) que misteriosamente aponta com sua seta as letras que formam a palavra sótão. Esta tábua foi dada a elas pela mãe e continha a seguinte inscrição na parte de trás: *Para minhas três lindas meninas. Que esta tábua dê a vocês a luz para encontrar as Sombras. O poder das três as libertarão. Com amor, mamãe.* Mais uma vez a mãe como transmissora do conhecimento sobre bruxaria, a mãe incentiva as filhas a reconhecer sua própria natureza. O sótão da casa estilo vitoriano estava fechado mas a porta abriu misteriosamente e Phoebe encontrou em um baú um velho livro de bruxaria chamado *Livro das Sombras* que foi escrito pelas suas ancestrais que eram bruxas desde 1625, desde o tempo de Salem.

Ao vermos o nome do livro, "*Livro das Sombras*", percebemos que a palavra sombra na tábua não pode ser remetida a uma idéia negativa, uma vez que as três bruxas lutam pelo bem. Mas sim a figura da sombra como aquilo que te acompanha, ou aquilo que está escondido mas sempre junto a você. *Charmed* usa a metáfora da sombra como algo que acompanha para mostrar a essas três bruxas modernas que no campo feminista a problemática da questão da sexualidade das mulheres-bruxas ainda as acompanha e deve receber mais atenção. Simone de Beauvoir reconhece que "o sexo feminino é misterioso para a própria mulher, oculto, atormentado [...]. É em grande parte porque a mulher não se reconhece nele que não reconhece os seus desejos" (Delumeau, 311, 1989).

A diferença entre *Charmed* e *A feiticeira* é que o primeiro usando toda a liberdade de expressão atual mostra e relembra ao telespectador (sem precisar citar *Malleus Maleficarum*) um horrível tempo em nossa história que retratou o medo da sexualidade feminina unida a idéia de que sexo é pecado.

O seriado nos faz pensar que essas mulheres representadas pelas irmãs Halliwell assustam tanto aos olhos da ordem simbólica que a única maneira de acabar com elas seria aniquilando-as, exatamente como no passado. Mas porque isso ainda nos dias atuais? Não acredito que esta resposta venha apenas pelo temor masculino da castração identificado por Freud, até porque não acredito que exista em todas as mulheres o desejo feminino de possuir um pênis. Penso que a resposta pode não estar na mulher, mas sim no homem e em seus medos atuais que ainda possuem fragmentos do fim do século 15.

No inconsciente do homem, a mulher desperta a inquietude, não só porque ela é o juiz da sua sexualidade, mas também porque ele a imagine de grado insaciável, comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente, devoradora como o louva-a-deus (Delumeau, 313, 1989).

E esse tipo de pensamento ainda com resíduos do século 15 coloca as irmãs Halliwell no que Elaine Showalter chama de *odd women* ou mulheres sem par, expressão de 1891 que também tinha a conotação de mulheres estranhas e diferentes. As mulheres sem par eram um problema social. Greg ressaltou que milhares delas precisavam ganhar o pão de cada dia, entrando em concorrência com os homens pelos empregos, em vez de “gastar e administrar os ganhos do marido” (Showalter, 36, 1993).

Retornando aos nossos dias, debates quanto ao isolamento feminino ocorrido na década de 1880 parecem muito familiares para os telespectadores de *Charmed*, uma vez que é constante a reclamação das irmãs Halliwell sobre o assustador excesso de mulheres, da grande carência de homens e do fato de portar todo esse conhecimento sobre bruxaria ter incentivado-as a adiar o casamento.

Showalter nos fala de um artigo publicado na *Newsweek* intitulado “A mulher solteira: enfrentando um vazio”, que retratava como as mulheres solteiras sentiam pena de si mesmas. Depreciando assim as mulheres sem par como se fossem culpadas por assim estarem devido a escolhas que fizeram em estilo de vida.

O artigo de *Newsweek*, como muitas feministas salientaram, parecia “considerar o aspecto da vida de solteira para as mulheres como os conservadores encaram o surgimento da AIDS entre os homossexuais masculinos: como uma maldição adequada provocada pelas transgressões das próprias ‘vítimas’”. Sugeria-se que a anarquia sexual das mulheres que procuram a educação superior, carreiras sérias e cônjuges iguais havia gerado seu próprio castigo (Showalter, 59, 1993).

E, como em *A Feiticeira*, mais uma vez a fina linha entre o entretenimento e o aspecto político feminista se faz presente no final de cada episódio. O que para muitos, *Charmed* reforçaria a velha questão da impossibilidade de casamento entre uma bruxa e um mortal, para outros o seriado mostra três mulheres altamente conscientes que nos dias atuais elas têm possibilidades múltiplas de realizar a sua subjetividade sexual e a recriação de si mesmas o que não existia no passado, mulheres que tem a visão da sexualidade que não é exclusivamente ligada a heterossexualidade e muito menos vinculada a procriação. Como demonstrado pelas personagens Phoebe que tem uma compreensão da fisiologia da sua sensação sexual, da liberdade de ser mãe solteira demonstrada por Piper ou Prue por priorizar sua independência econômica, ainda hoje uma das condições materiais necessárias para a liberação sexual feminina.

No futuro, pode ser que as mulheres solteiras não sejam mais as diferentes, mas, sim, a maioria, como já o são em algumas culturas e em alguns países.

Esses novos padrões podem dar a impressão de anarquia sexual quando comparados às imagens ainda poderosas de Hollywood do que seria uma família norte-americana, mas elas nitidamente fazem parte de um novo sistema sexual que emerge neste *fin de siècle* (Showalter, 60, 1993).

Usar o feminismo para buscar uma trajetória da luta da mulher através dos aspectos da bruxaria trouxe-me visões do nosso dia-a-dia ainda muito ligadas ao século XV. Mas ao mesmo tempo trouxe-me também esclarecimentos importantes sobre algumas questões a respeito do quanto evoluímos para o bem geral.

Percebi que as mulheres, desde a época de Salem, ao realizarem as ditas bruxarias rediscutiam as formas tradicionais de fazer Ciência, que em geral relegava a um plano inferior problemas que afetavam diretamente a vida das mulheres no espaço privado como: a violência doméstica, a invisibilidade do trabalho doméstico e a educação diferenciada. E nos espaços públicos: os salários desiguais, a falta de paridade nas representações políticas. Não consigo imaginar o quanto estaríamos evoluídos no campo da medicina se os homens tivessem aceitado a adesão das mulheres no campo do saber científico com seus conhecimentos sobre plantas, ciclos astrológicos entre outros.

É lógico que diante de tantas mortes de mulheres acusadas de praticar bruxaria, podemos afirmar que o ocorrido se tratou de um verdadeiro genocídio contra o sexo feminino, com a finalidade de manter o poder da igreja e punir as mulheres que ousavam manifestar seus conhecimentos médicos, políticos (lembramos Joana D'Arc) ou religiosos. Mas também temos que ficar atentos a acontecimentos do nosso tempo para que não voltemos a mentalidade de séculos passados, digo isso porque a maior monstruosidade do século XX não foi executada por bruxas ou monstros sombrios e escuros, mas sim por um tipo ariano. Deixemos que mais Darrins comecem a surgir na sociedade, que no início será como o próprio personagem de *A Feiticeira*, um homem que ainda não aceita a bruxaria na vida dele, mas está disposto a amar alguém que a pratique e que aos poucos ele abre o campo visual para o imenso valor que uma mulher tem ao trabalharem juntos, concluindo que o êxito de um casal depende, ao menos em nosso tempo, da aceitação lúcida por cada um dos parceiros da heterogeneidade, da complementariedade e da liberdade do outro.

As bruxas modernas podem até gostar da Samantha, mas dificilmente gostarão de ser realmente como ela, uma vez que o casamento tornou-se apenas mais uma opção para as mulheres independentes, talvez as mulheres atuais não queiram mais fingir estarem vivendo sob a ordem simbólica para poderem atuar nas sombras. O conhecimento é sempre passado e cada vez está mais internalizado na psique da mulher, o que nos leva a ver já nos dias atuais que as mulheres estão mais atentas a possibilidade de que todas podem estar em qualquer campo de atuação e possuem direito a representação.

Embora *Charmed* já mostre mulheres muito mais independentes, o seriado ainda traz alguns estereótipos do passado sobre as bruxas. O quanto *Charmed* avançou no campo do feminismo em relação a *A Feiticeira*? Não penso que tenha avançado ou retrocedido, acredito que cada seriado tentou resgatar através do pensamento feminista a verdadeira imagem da bruxa em nossa história, analisando não somente os aspectos religiosos,

políticos e sociais de cada época, mas tocando no assunto que era preciso para que cada geração de bruxa desse mais um passo rumo a igualdade de direitos.

No que tange a impossibilidade de um relacionamento estável entre uma bruxa e um homem mortal arrastar-se por sete temporadas, muitos ainda pensam que Charmed levaria a uma visão de um feminismo estéril. Apesar de já ter tocado neste assunto, penso que quem ainda vê essa revolução sexual da mulher como um feminismo estéril é porque ainda vê a mulher independente como uma ameaça. E quem ainda assim não se convenceu do poder dessa mulher moderna eu retiro uma resposta dada pela bruxa Piper ao ser questionada se as bruxas namoram. - *Não só namoram como também ficam com os melhores caras!*

BIBLIOGRAFIA

CLÉMENT, Catherine. The Guilty One. In: CIXOUS, Hélène & CLÉMENT, Catherine. *The Newly Born Woman*. London: I. B. Tauris, 1996.

DELUMEAU, Jean – *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GENGE, N. E – *O livro das Sombras – Guia da série de TV “Charmed”*. Rio de Janeiro: Frente, 2002.

IRIGARAY, LUCE. *This Sex Which Is Not One*. New York: Cornell University Press, 1993.

MARTIN-BARBERO, Jesús – *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SHOWALTER, Elaine – *Anarquia sexual – sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

VIDEOGRAFIA

A Feiticeira – Episódio 1 “Casei-me com uma bruxa” (1964).

Charmed – Episódio 1 “Algo de bruxo vem por aí” (1998)